

## ADAMA E NASCIMENTO GRANDE: VALENTES DO RECIFE DA PRIMEIRA REPÚBLICA.

Ivaldo Marciano de França Lima\*

### *Introdução*

Este artigo é tão somente uma breve discussão sobre os valentes (também conhecidos como brabos)<sup>1</sup> e de como eles foram representados por aqueles que sobre eles escreveram (memorialistas, folcloristas e intelectuais em geral). Estas linhas também devem ser vistas como um dos frutos de uma pesquisa maior sobre a capoeira em Pernambuco e os discursos que foram construídos sobre essa prática em outras regiões do país, sobretudo Rio de Janeiro e Bahia. Dados os limites de espaço, irei ater-me à discussão em torno dos valentes que constituirá o foco central deste trabalho. Ao discutir sobre as histórias de Adama e Nascimento Grande, uma de minhas metas foi mostrar um pouco do universo social que

circundava esses famosos valentes, que foram retratados por vários folcloristas e memorialistas recifenses de modos bastante diversos. Adama foi representado como um arruaceiro e marginal da pior espécie, ao passo que Nascimento Grande ocupou o lugar do herói, e daquele que encarnava o homem honesto, que só lutava em legítima defesa. Essas representações me fizeram pensar sobre as muitas possibilidades em torno da memória, e de como ela é construída. Tal questão levou-me a buscar os indícios e fragmentos sobre a vida de ambos valentes, no intuito de mostrar que estamos diante de dois homens, inseridos em uma complexa teia de sociabilidades, e que frequentavam as inúmeras diversões popula-

\* Doutorando em História pela UFF. Este artigo foi apresentado sob a forma de comunicação no XII Encontro Regional de História da ANPUH do Rio de Janeiro.

res que existiam no Recife dos primeiros anos do século passado (mamulengos, bois, pastoris além do carnaval). Por viverem em um constante trânsito entre as camadas sociais populares, e o contato com alguns “poderosos” da época, Adama e Nascimento Grande podem ser considerados como homens de experiências complexas, e possivelmente viveram situações que os seus contemporâneos não chegaram a experimentar, mas isso não impede que tenhamos estes dois “valentes” como homens populares, e suas histórias podem contribuir na elucidação de questões relacionadas à cultura popular e à sociedade recifense, de maneira geral.<sup>2</sup>

Os temas que ainda hoje prevalecem nos livros e artigos de boa parte dos historiadores pernambucanos não tomam as práticas e os costumes construídos pelas camadas populares como objeto, e quando o fazem, “esquecem” de pensar os sentidos que possuíam para os seus praticantes. A história de Adama, assim como a de outros valentes, precisa ser reescrita como forma de mostrar um complexo quadro de sociabilidades e sentidos em que estavam imersos. Estes valentes foram muito mais do que simples arruaceiros ou desordeiros, e devem ser vistos como homens profundamente vinculados com os valores de sua época pois, do contrário, não teriam sobrevivido – pelo menos um deles (Nascimento Grande) - até os dias de hoje no imaginário popular, nos cocos e ladainhas de capoeira que ainda são cantadas pelas ruas do Recife.

As histórias de Adama e de Nascimento Grande, bem como de outros valentes, ganham sentido, sobretudo pelo fato de os personagens terem sido afro-descendentes do início do século XX que se utilizaram seus conhecimentos da capoeira, como forma de buscar inserção social e legitimidade em uma sociedade hostil a tudo o que não seguisse o padrão ocidental. Há que se levar em conta, porém, que nem todos os homens denominados por valentes ou “brabos” eram afro-descendentes ou oriundos das camadas

populares. Assim como entre os capoeiras do Rio de Janeiro, também em Pernambuco existiram “bem nascidos” que “se desviavam do bom caminho” para seguir as veredas da jogatina e da capoeiragem, acompanhando alguns célebres valentes como Nascimento Grande ou João Sabe-Tudo, para pôr fim a um pastoril ou um bumba-meu-boi.

Adama circulava por vários ambientes e mundos ao mesmo tempo, pois além de ser um “conhecedor de todos os truques da capoeiragem” (Mello, 1953:139), era também “um grande admirador do carnaval, diretor e fundador do Maracatu Oriente Pequeno” (Mello, 1953: 141). Valente, capoeirista, maracatuzeiro e profundo admirador dos pastoris, eis uma excelente combinação que me motivou a perseguir o maior número possível de pistas deixadas por Adama (ou Paulino José dos Santos), durante sua trajetória nesta vida terrena. Há, quanto ao seu nome, duas versões: segundo Guilherme de Araújo (1946), Adama se chamava Paulino de Santana, ao passo que Oscar Mello (1953) afirmou que o “verdadeiro” nome do diretor do Maracatu Oriente Pequeno era Paulino José dos Santos. Ao que parece, este último nome é, possivelmente, aquele pelo qual foi batizado Adama, uma vez que o mesmo se encontra nas licenças dadas pela polícia para o Maracatu Oriente Pequeno desfilar nos carnavais de 1909 e 1910, conforme as publicações do *Jornal do Recife* de 21/02/1909, p. 01 e 06/02/1910, p. 02. Adama também visitou a redação desse mesmo jornal junto com outros diretores do seu maracatu, em 18/02/1909, tendo essa visita sido objeto de notícia na edição de mesma data, na página 01. O nome divulgado na matéria coincide com o que foi informado nas listas de licença e por Oscar Mello.

Infelizmente os vestígios encontrados sobre Adama e Nascimento Grande não foram suficientes para esclarecer uma série de indagações. Não há certezas, por exemplo, sobre a forma como se deu a morte de Adama, uma vez que existem dúvidas em torno do ano, e da maneira como ele mor-

Adama e Nascimento Grande: valentes do Recife da Primeira República

Ivaldo Marciano de França Lima

reu. Segundo Guilherme de Araújo, o falecimento de Adama se deu em consequência de uma surra que tomou em um pastoril localizado na Rua da Concórdia, ao passo que Oscar Mello confirma o motivo da morte, mas em um pastoril existente na Campina do Bodé. Raimundo Arrais (1998) afirma que a morte de Adama se deu após ele ter levado uns tiros, disparados na Rua Nova, e cita Oscar Mello como fonte. Essa informação, contudo, não se encontra na obra escrita por este último autor, restando-me a dúvida sobre a fonte da informação utilizada por Arrais. Em todas as versões não existe uma data precisa em que teria ocorrido a morte de Adama, apesar de que Oscar Mello afirma ter sido em 1908, pois este foi o último ano de desfile do Maracatu Oriente Pequeno, o que efetivamente sabemos ser uma informação incorreta, uma vez que o referido maracatu obteve licença para desfilar nos anos de 1909 e 1910.

Também existem dúvidas quanto à relação dos valentes com religiões afro-descendentes; e desconfio que os mesmos possuíam, ao menos, algum vínculo com o catimbó, uma vez que há referências alusivas ao “corpo fechado” desses indivíduos na tradição oral, sendo esse o segredo daqueles homens para enfrentar a polícia e os seus muitos rivais. Este é o único indício em torno da relação dos valentes com as religiões afro-descendentes, uma vez que ainda não fui premiado com outras informações ou pistas mais substanciais. As cerimônias para “fechamento de corpo” eram preparadas por mestres catimbozeiros em sessões específicas e consistiam em rezas “fortes” para impedir que esses homens fossem baleados ou cortados por armas brancas diversas, tais como punhais. Uma dessas cerimônias que se tornou célebre, foi justamente a que “fechou o corpo” de ninguém menos do que Mário de Andrade, quando em uma de suas andanças pelo Rio Grande do Norte (Andrade, 2002). Na atualidade ainda existem cerimônias de fechamento de corpo na Jurema, religião apoiada no culto

aos mestres, mestras, caboclos, caboclas, pretos velhos, pretas velhas, exus e pom-bagiras.<sup>3</sup> A elas recorrem indivíduos em busca de proteção dos encantados para que nas escaramuças do dia-a-dia não sejam acertados pelas balas ou facas dos seus adversários. Infelizmente não encontrei ainda nenhum mestre ou exu da jurema que tenha como narrativa mítica o fato de ter sido no passado um valente ou capoeira, o que não significa dizer que se deva excluir esta possibilidade.

Apesar das muitas dúvidas, também existem as certezas as quais foram construídas a partir do pouco que consegui reunir sobre as vidas de Adama e Nascimento Grande. Para que muitas dúvidas em torno de ambos fossem postas a limpo, utilizei-me da estratégia de estabelecer paralelos com a história de outros valentes. Também recorri às informações existentes sobre o Oriente Pequeno para obter êxito nas discussões sobre diversos enigmas existentes em torno da vida de Adama. Revelo que, para utilizar-me desta estratégia, inspirei-me na obra de Eduardo Silva (1997), que utiliza recurso semelhante, ao narrar a história dos migrantes baianos para o Rio de Janeiro como forma de estabelecer paralelos entre eles e Dom Obá II, um homem afro-descendente que recebia tributos de seus súditos no Rio de Janeiro, durante a segunda metade do século XIX. Muitas são as lacunas na documentação sobre os valentes, e o que existe é quase que praticamente o olhar da repressão ou da visão eivada do preconceito social e do juízo de valor. Infelizmente não temos documentos ou livros escritos pelos próprios valentes, ou por um Plácido de Abreu, que descreveu a capoeira carioca a partir de um olhar “de dentro”, uma vez que a praticava (Abreu: 1886). Porém, mesmo sendo a documentação e boa parte da bibliografia sobre o tema marcada pelo olhar da repressão e do preconceito, nos são úteis para mostrar uma série de pistas e indícios sobre a forma e o modo como os valentes agiam e significavam o mundo.<sup>4</sup>

Adama e  
Nascimento Grande:  
valentes do Recife  
da Primeira  
República

Ivaldo Marciano  
de França Lima

### **Os Valentes: sucedâneos dos capoeiras**

Os valentes foram definidos de diferentes maneiras por aqueles que sobre eles escreveram. Guilherme de Araújo afirmou que os valentes "eram indivíduos que se davam ao crime, sob a proteção de certos figurões" e "gostavam de acompanhar as bandas de música (...)" (Araújo, 1946:120). Ascenso Ferreira, famoso poeta e folclorista pernambucano, afirmou que os brabos eram "(...) figuras de espadachins, cujas disputas, a tiros de pistola Comblain, punhais e facas-de-pon-ta, enchiam de pavor os pacatos burgueses de nossa terra (...)" (Ferreira, 1942). Oscar Melo os definiu como faquistas e guarda-costas dos políticos, ao passo que Mário Sette os denominava como capangas dos chefes políticos (Sette, 1938: 85). Raimundo Arrais, historiador da contemporaneidade, conceituou-os como "continuadores das habilidades de luta e da tradição da ilegalidade que os capoeiras haviam exprimido em mais alto grau e disseminado nos meios pobres e suspeitos da cidade" (Arrais: 1998, 95).

Diferentes olhares e representações para homens que gozavam da proteção de políticos e figurões do Recife da época e para eles vendiam seus serviços baseados na violência. Alguns desempenhavam também as funções de guarda-costas e outros cometiam crimes a mando de seus chefes, assim como existiram os que possuíam empregos fixos, a exemplo de Nascimento Grande, que era estivador nas docas do porto. Os mais famosos foram, além deste a quem já me referi, Adama, Jovino dos Coelhos, João Sabe Tudo e Apolônio da Capunga. Segundo Ascenso Ferreira, os brabos possuíam posições definidas nos seus bairros e ocupavam diversos postos de trabalho, tais como estivadores, peixeiros, feirantes. Alguns desses homens também cumpriam papéis de pequenos comerciantes, o que de imediato me faz perceber a existência de grande dinamismo nesses indivíduos. Não há como afirmar, contudo, que não existissem valentes que se empenhassem apenas em cumprir o papel de guarda-costas,

creio, porém, que parte significativa desses personagens dispusesse de outros serviços paralelamente ao cumprimento desse papel. Oscar Mello forneceu importante pista sobre esse aspecto ao afirmar que havia brabos proprietários de casas de maxixe e jogos (Mello, 1953: 47). Nesse sentido, faz-se necessário dizer que aqueles homens não eram apenas protegidos dos políticos ou dos poderosos da época, mas "empreendedores" com ações variadas, além do que o próprio Mário Sette, que não escreveu frases agradáveis sobre esses senhores, também afirmou existirem "brabos de várias categorias, uns da alta, outros de esferas inferiores" (Sette: 1981, 87).

Os valentes possuíam os seus territórios, semelhante às maltas de capoeira cariocas, descritas por Soares (1994), mas não viviam em grupos organizados como aqueles, mesmo contando com amigos para irem em seu socorro nos momentos difíceis, a exemplo do caso da prisão de Adama, que teve os préstimos de seus amigos ao ser aprisionado. Seus companheiros, entretanto, não lograram êxito na empreitada; e Adama passou alguns dias na cadeia, após ter sido surrado duramente (Mello, 1953: 141).

Os valentes circulavam por toda a cidade e viviam, segundo Mário Sette, "de favores, empregos e regalias" (Sette, 1981: 87). Entretanto, a maior fonte de renda desses homens parece mesmo que foi a prestação de serviços como guarda-costas para os "maiorais" da época. Essa questão, no entanto, não deve ser vista de forma simplista como foi tratada até hoje, pois o emprego de guarda-costas era uma das poucas possibilidades dadas a indivíduos afro-descendentes que buscavam se inserir em uma sociedade conservadora e hostil às práticas e costumes afro-descendentes. Nesse sentido, nada melhor do que a venda de seus serviços baseados no conhecimento da capoeiragem e da violência para arrecadarem alguns recursos e gozarem de uma vida bem melhor e mais respeitada do que a de seus iguais. Outro aspecto importante diz respei-

Adama e Nascimento Grande: valentes do Recife da Primeira República

Ivaldo Marciano de França Lima

to ao fato de que, se existiam figurões que os financiavam e protegiam, significa dizer que os valentes não eram elementos apartados da sociedade (conforme os memorialistas que insistentemente os retrataram como vagabundos, marginais e arruaceiros), mas frutos dela mesma. Tanto Adama como Nascimento Grande são bons exemplos para mostrar como o lugar de valente afe-riu legitimidade e reconhecimento social para alguns indivíduos afro-descendentes.

Nascimento Grande, aliás, é ainda hoje reconhecido como herói popular, e mesmo os memorialistas que escreveram sobre ele, descreveram-no com o devido respeito que não tiveram para com os seus pares. Mesmo ao narrar seus assassinatos, fizeram-no com a condição de que se tratava de legítima defesa, que ele nunca atacou ninguém, e sempre recorria às suas habilidades corporais, negando-se ao uso de armas de fogo contra seus inimigos (Mello, 1953: 45-48). Outros memorialistas e folcloristas foram unânimes em afirmar que Nascimento Grande foi o único valente que morreu com idade avançada, de causas naturais, sob a proteção de José Mariano Filho. Sua alcunha era a de o "brabo dos brabos".

Os memorialistas foram, portanto, grandes incentivadores dessa aura de herói que recaiu sobre Nascimento Grande. Ainda hoje um célebre samba de coco é entoado em sua homenagem, retratando-o como o valente dos mais valentes, e algumas ladainhas de capoeira narram suas proezas e feitos "heróicos". Nascimento Grande teve sua descrição feita por um folclorista recifense, que escreveu: "Famoso no Recife foi Nascimento Grande, o brabo dos brabos. Alto, longos bigodes, chapéu de feltro, bengala que pesava bem quinze quilos. Por sua valentia e agilidade, vivia sempre à volta com outros capoeiras, travando combates que ficaram na memória do povo" (Rabello, 1978:114).

Adama não teve a mesma sorte que Nascimento Grande, apesar de ter sido por muitos anos uma espécie de referência para

os maracatus, conforme atesta a existência de uma coluna nos anos 1920, nas páginas do *Jornal do Recife*, denominada por "no quadro de Adama".<sup>5</sup> Gilberto Freyre, ao dis-correr sobre o Recife, aludiu ao Oriente Pequeno como um dos últimos maracatus "ricos" que existiram no passado:

*"... Aliás, o turista, podendo, não deixe de ver um maracatu do Recife. Ainda há alguns: Leão do Norte, Cambinda Nova, Pavão Dourado, Estrela Brilhante, Leão Coroado. Vão mantendo como podem a tradição dos ricos maracatus do tempo de negros da Costa ricos. O último parece que foi o Oriente Pequeno"* (Freyre: 1942:106).

Freyre não mencionou o nome de Adama, mas importa saber que o Oriente Pequeno foi considerado por algum tempo como uma das maiores referências entre os maracatus. O próprio Oscar Mello, que não deu boas credenciais sobre Adama, confirma ter sido o Oriente Pequeno bastante respeitado entre seus pares e assim também procedeu Antônio Freire, em matéria escrita no *Jornal A Província* de 10/02/1929, p. 03, ao afirmar que:

*"O Recife do nosso século alcançou um maracatu cujo esplendor lembrava a pompa antiga: o Oriente Pequeno. Era uma nação guerreira. Nos últimos anos, sob as fortes sugestões do progresso, o Oriente Pequeno arrastou pelas ruas enormes canhões de pau".<sup>6</sup>*

Nessa mesma matéria, Antônio Freire mostra a ambigüidade que a memória de Adama trazia à tona, posto que, enquanto o seu maracatu lembrava uma suposta idéia de beleza, importante referência e esplendor dos maracatus do passado, ele, o seu "chefe", representava a figura da desordem e da violência, marca bem presente entre aqueles que sobre Adama escreveram:

*(...) Mas parece que perdeu a guerra; decaiu. E morreu, com o falecimento de Adama. O desordeiro que era o seu chefe. Com o Oriente Pequeno os outros quase todos. Os que restam são sombras dos belos maracatus antigos.<sup>7</sup>*

Adama e Nascimento Grande: valentes do Recife da Primeira República

Ivaldo Marciano de França Lima

O "chefe desordeiro" do Oriente Pequeno era também importante referência para os maracatuzeiros de sua época, apesar das constantes associações que dele fizeram com a violência. Mas era Adama violento? Um dos aspectos que os memorialistas mais enfatizaram diz respeito à extrema violência praticada pelos valentes, que não deve, entretanto, ser vista como algo exclusivo daqueles homens, sobretudo, devido à grande quantidade de armas (punhais, facas peixeiras e pistolas) apreendidas pela polícia entre os anos de 1904 a 1908, o período de auge dos valentes. A "valentia" era algo disseminado na sociedade que se reconhecia nos valentes, dado o longo tempo que existiram, além de outros sinais que me permitem afirmar ter sido a época das mais agitadas em termos de violência. Devo lembrar que existiam conflitos corporais no carnaval, envolvendo lutas entre as diversas agremiações populares. O carnaval sofreu constantes intervenções no sentido de higienizá-lo e as diversas portarias dos chefes de polícia, alusivas à lei municipal nº 04 podem ser vistas como importante evidência nesse sentido.<sup>8</sup> Ao longo do ano, as constantes brigas entre os partidários das bandas de música, bem como as sucessivas arruaças que existiram nos pastoris, bumba meu boi e outras diversões populares também apontam no sentido de que a violência era algo bastante generalizado nessa sociedade. Não devo esquecer de mencionar que mesmo durante as eleições, era fundamental contar com braços fortes para a defesa dos "interesses" políticos e bons "argumentos" para vencer os inimigos: vários são os casos de assassinatos de eleitores e de candidatos no final do século XIX e início do XX, sendo célebre o da morte de José Maria Belo, em plena secção eleitoral, no ano de 1895. Se os "populares pendiam ao crime", conforme as letras do chefe de polícia da época, o Sr. Dr. Ulisses Gerson Alves da Costa, então não eram os valentes algo exótico ou estranho nessa sociedade recifense dos primeiros anos do século XX.<sup>9</sup>

Outra questão importante diz respeito à naturalização da relação entre os valentes e as bandas de música, assim como essas com os capoeiras. As bandas de música, conforme Raimundo Arrais, possuíam intensa vida na cidade, além de muitos partidários e não acharia estranho se Adama ou Nascimento Grande mostrassem predileção por uma ou outra, mas isso está longe de constituir algo natural (Arrais, 1998: 81-83). A forma com que diversos autores interpretaram a descrição feita por Pereira da Costa sobre os capoeiras da segunda metade do século XIX, apontou para a naturalização da relação entre homens e bandas de música, como se não houvesse explicações que fugissem da tendência natural.<sup>10</sup>

### **Valentes: festeiros e bem articulados socialmente**

No tocante às diversões, os valentes levavam uma vida aparentemente normal para a época. Os memorialistas foram unânimes em indicar suas sociabilidades, e preferências pelas festas populares, fosse um pastoril, coco, bumba-meu-boi, fandango ou mamulengo. Creio que uma das formas que os valentes tinham para demonstrar o seu poder perante os seus contemporâneos, era através do recurso da violência que utilizavam para acabar com esses eventos que freqüentavam. Seguramente a fama que obtinham nesses episódios de uma sociedade que se via valente, contribuía para aumentar o prestígio social desses brabos, sobretudo na hora de barganhar seus ganhos junto aos "figurões" a quem prestavam serviços. Não posso, entretanto, considerar que todas as arruaças eram fruto de ações pensadas e, possivelmente, muitas das peripécias que estavam por trás dessas "atividades acaba-festas" advieram de interesses diversos, mas não se pode descartar o fato de que esses valentes também pensavam no quanto lucravam em termos de prestígio quando derrotavam um policial ou acabavam com uma festa.

Quanto à "predileção natural" pelos pastoris, deixo essa afirmação para os memoria-

Adama e Nascimento Grande: valentes do Recife da Primeira República

Ivaldo Marciano de França Lima

listas que me antecederam, mas não posso deixar de afirmar que Adama é um excelente exemplo para mostrar a dinamicidade de um valente que gostava de pastoril, a ponto de ter praticamente morrido em um. Aliás, ele também gostava de maracatu e, como já vimos, foi o principal articulador de um deles. Por mais que Adama tenha sido representado como um arruaceiro e marginal, o fato de a licença para o desfile do Oriente Pequeno ter saído em seu nome, nos anos de 1909 e 1910, além da notícia em que foi destaque no *Jornal do Recife* por ocasião de sua visita à redação daquele periódico (um dos maiores do Recife dos primeiros anos do século XX) mostra um pouco da complexidade que envolve este nosso personagem.

Bem articulados socialmente, eis uma das melhores definições que encontrei para me referir aos valentes, pois acima de tudo, possuíam ligações com homens da elite, e vínculos com populares, alguns dos quais solidários nos momentos de se defrontarem com a polícia, como foi o caso de Adama. Para os momentos de confronto, ou de tentativa de se livrar dos braços da lei, era fundamental ter amigos, o que é possível de se perceber não só no caso de Adama, mas em outros tantos episódios noticiados nos jornais. Se não conseguiam ser soltos pelos amigos populares no ato da prisão, valia então o recurso dos “amigos da elite”. Aliás, tanto Oscar Mello, como Mário Sette foram unânimes em afirmar que, se os valentes fossem presos, logo ganhavam a liberdade, posto que um dos quesitos de prestígio para o figurão que os defendia dizia respeito à demonstração pública de que o seu protegido não ficava na cadeia por muito tempo. Adama, por exemplo, ficou preso por apenas dois dias, o que não foi suficiente para livrá-lo do espancamento a que foi submetido.

As amizades também eram importantes na hora de acabar com as festas, e Nascimento Grande, quando se decidia pôr fim a um pastoril, fazia-o também (mas não somente) em companhia de “figurões” ou dos filhos desses. Mais uma vez insisto em di-

zer que o ato de pôr fim a uma festa é bastante significativo no sentido de auferir não só fama e legitimidade, mas também poder simbólico ao valente que conseguia realizar tal proeza. Os seus serviços, quando negociados com um “figurão”, eram valorizados conforme o prestígio e a fama que por acaso possuísem. Nesse sentido, creio que a idéia de naturalizar a violência como algo inerente aos valentes é muito mais um desconhecimento dos significados e sentidos que existiam em torno desses homens de um Recife de outrora. Acabar com um pastoril ou enfrentar a polícia não eram atividades desprovidas de significados, sobretudo quando sabemos da forte antipatia que grassava entre os populares contra esta última.

Os mamulengos indicam um importante indício de como eram pensadas as questões relacionadas à bravura e à valentia da sociedade da época. O próprio termo “valente” já denuncia que há algo de estranho, por se referir a homens que utilizavam a capoeiragem, mas não foram representados pelos memorialistas e folcloristas simplesmente como capoeiras. Devo, porém, considerar que em torno dessa questão existem muitos aspectos por analisar, uma vez que alguns autores costumam homogeneizar os valentes e capoeiras como se fossem os mesmos tipos sociais. Contudo, predomina entre os memorialistas e folcloristas a idéia de que os valentes são os naturais sucessores dos capoeiras. Tal conceito é mais bem definido por Raimundo Arrais, um historiador da contemporaneidade, que assume a idéia de terem sido os valentes aqueles que sucederam os capoeiras após violenta repressão a que foram submetidos estes últimos. Tanto os valentes quanto os capoeiras eram exímios conhecedores da capoeiragem, o que nos leva a pensar terem efetivamente sido os primeiros os sucedâneos dos segundos, mas existem aspectos complicadores que me fazem duvidar dessa suposta continuidade, a começar pelo fato de que a campanha de repressão que se abateu sobre os capoeiras ocorreu entre os anos de

Adama e Nascimento Grande: valentes do Recife da Primeira República

Ivaldo Marciano de França Lima

1904 a 1908, supostamente o mesmo período de combate aos valentes. A exiguidade do espaço, contudo, deixará essa questão para ser discutida em outro momento.

Quanto aos significados existentes em torno do ideal de valentia que permeavam a sociedade recifense, devo insistir que estou mais uma vez diante dos enigmas que o tempo e a história deixam para a posteridade. Antes de tudo, os valentes (também denominados por brabos) eram reconhecidos socialmente como tais, mesmo que isso implicasse antipatias ou desprezos. E esse reconhecimento advinha das peripécias e conquistas, a exemplo dos fatos em torno da figura de Nascimento Grande, que matou o valente conhecido por Corre Hoje após ter se livrado de um tiro por ele desferido; ou de quando o "brabo dos brabos" matou João Sabe Tudo em plena Pracinha do Diário. As façanhas são muitas, e os significados também. Ser conhecido era fundamental para o valente, e isso passava também por "acabar" com o maior número possível de pastoris e bumbas-meu-boi. Esses feitos, longe de constituírem simples violência gratuita, auferiam fama e legitimidade aos valentes. Não se pode pensar nesses homens como desprovidos de táticas para a busca da legitimidade, e a violência era um forte componente dessa sociedade, a exemplo do carnaval que, como já vimos, foi palco de várias intervenções higienizadoras com vistas a controlar os muitos conflitos que existiram no tríduo momesco por anos e anos. A fama do Oriente Pequeno, como maracatu belicoso e que derrotava os seus congêneres: ou na porrada ou no brilho, por sinal, é significativa para pensar o grau de violência daquela sociedade.<sup>11</sup>

**A memória em torno dos valentes: simples reminiscências?**

Não se pode dizer que a memória sobre os valentes é poderosa, ou que constitui um símbolo cultuado por amplos setores da sociedade recifense atual. Excetuando alguns poucos capoeiristas e outros tantos "tiradores de cocos", não conheço quem cultue a memória desses ilustres senhores do passado. Mesmo entre os maracatuzeiros da atua-

lidade, o nome de Adama sequer é lembrado como alguém importante de outrora. Poucos foram os nomes dos valentes que chegaram até os nossos dias e a grande parte não o foi pela memória dos populares, mas através dos relatos e crônicas que foram escritos por alguns folcloristas e memorialistas pernambucanos, os quais atribuíram contornos consensuais aos valentes, impondo-lhes a pecha de violentos, arruaceiros e criminosos. Como exceção, insisto em lembrar que a construção da memória em torno de Nascimento Grande se deu a partir de outros aspectos, quais sejam, as suas façanhas e proezas heróicas. Tanto Ascenso Ferreira quanto Oscar Mello foram unânimes em narrar os grandes feitos e proezas do "valente dos mais valentes" ou do "brabo dos brabos".

Adama não teve a mesma sorte, assim como os seus pares de valentia e brabeza. Mesmo Guilherme de Araújo, bastante rancoroso em sua escrita sobre esses homens do passado, teve bastante cuidado ao afirmar que Nascimento Grande se destacava dos mais valentes. No geral, a memória desse valente foi construída a torná-lo um herói que morreu velho, devido ao respeito que desfrutava de seus contemporâneos, suficiente para não ser preso pela polícia e atacado ou morto pelos seus rivais. Eis uma construção complexa, repleta de significados, ainda por serem desvendados, e longe de ser inofensiva ou ingênua. O que está por trás do fato de ter sido Nascimento Grande alçado ao lugar de herói, ao passo que Adama e os demais foram colocados na vala comum do crime e da desordem?

Há também que considerar as constantes definições infantilizadoras desses memorialistas e boa parte dos folcloristas que representaram os capoeiras e valentes como homens tendentes ao crime, à arruaça e à desordem. A questão em torno do capoeira e das bandas de música é emblemática nesse sentido. Se Jovino dos Coelhos ou Adama eram marginais, Nascimento Grande, ao contrário, não atacava ninguém, a não ser em caso de legítima defesa. As histórias dos feitos de Nascimento

Adama e Nascimento Grande: valentes do Recife da Primeira República

Ivaldo Marciano de França Lima

Grande podem ser pensadas também pelo campo do amálgama que a História toma junto ao mito, misturando-se em uma narrativa de exaltação e que é usada como legitimadora no presente - no caso, por alguns capoeiristas do Recife. Mais uma vez lembro da letra de um coco que ainda hoje é cantado por alguns tiradores: "Valente dos mais valentes era Nascimento Grande / e a verdade é sagrada e não se esconde, valente dos mais valentes era Nascimento Grande".

Estamos diante de um herói construído para servir a que interesses? Quais as intenções que se escondem por trás dessa construção? Devo lembrar que na Bahia as figuras de Bimba e Pastinha atingiram dimensões que variam entre o lugar de heróis à de mantenedores da tradição. Aliás, para este último aspecto Pastinha tem força bem maior, se comparado a Bimba, acusado pelos praticantes da capoeira de Angola como o "desvirtuador da capoeira".<sup>12</sup>

A memória sobre os valentes que prevalece, ou seja, a de maior relevância, foi construída pelos memorialistas e folcloristas. Estes foram os que escreveram sobre eles, imputando-lhes seus valores, visões de mundo e preconceitos, eis uma questão que me intriga. O que está por trás desse desinteresse por parte da maioria dos historiadores pernambucanos que ainda não se debruçaram sobre os valentes do Recife? Faltam-nos, ainda hoje, bons trabalhos que abordem diversos aspectos sobre os quais discorri ao longo do texto, além de uma análise mais acurada em torno de questões diversas que foram abordadas tão somente por pesquisadores de classes sociais diferentes daqueles indivíduos sobre os quais escreveram. Esses folcloristas, memorialistas e pesquisadores, ao discorrerem sobre os valentes, não perceberam uma vasta gama de aspectos pertinentes à sociedade recifense e brasileira de modo geral.

A forma como foi construída a memória sobre os valentes deixa claro que parte do que se afirmou sobre os mesmos possui forte conotação ideológica; e que os interesses existentes eram muito mais de desmereci-

mento destes homens do que o da "tradução" de uma suposta realidade. Estou falando de uma memória eivada de interesses sociais bem distintos daqueles sobre os quais foram escritas as narrativas, de modo que há brutais distâncias entre as representações construídas por esses folcloristas e memorialistas e a prática efetiva das pessoas que serviram de objeto para os seus escritos, permeados de olhares infantilizadores que naturalizaram a relação desses homens com as mulheres e as bandas de música<sup>13</sup>, descrevendo-os de modo preconceituoso (não esqueçamos dos adjetivos: marginais e arrua-ceiros) e infantilizador. Os valentes não foram percebidos como homens coerentes com uma época fortemente baseada na violência. E o enaltecimento dos feitos heróicos de Nascimento Grande passa ao largo da forma através da qual deveriam ser entendidas as ações e buscas de legitimidade de um homem afrodescendente dos primeiros anos do século XX. Os textos desses memorialistas e folcloristas exaltam a bandidagem e a marginalidade de Nascimento Grande, positivando-o sem entender os significados existentes nas suas práticas.

A memória construída em torno dos valentes, retratando-os como bandidos, arrua-ceiros e marginais, impede que observemos o quanto (destituídos de humanidade pelo que foi escrito) eram coerentes com o Recife de seu tempo, correspondendo aos valores existentes na época. Os próprios memorialistas, a exemplo de Mário Sette, indicam as pistas de como o ideal da valentia estava presente mesmo naqueles que representaram os valentes de modo negativo. Ao descrevê-los, como provocadores e agressivos, Mário Sette mostra o quanto ele também estava impregnado pelo ideal de valentia:

*(...) procuravam sempre um pretexto para o "bababi". Uma frase irônica para uma moça: "está de bico torcido? Quem boliu com seu cachorrinho, hein?". Ou uma outra desafiadora: êta baeta! Quem não pode não se meta. Si havia um resmungo, uma replica, um muxoxo, o brabo in-*

Adama e Nascimento Grande: valentes do Recife da Primeira República

Ivaldo Marciano de França Lima

*quiria já em posição de romper hostilidades: - isso é comigo, seu safado? Sendo frouxo o interpelado, calava-se e ou o tempo melhorava ou ele recebia o pago da covardia numa taponia. Si mole não era o "banzé" estava feito* (Sette, 1981, 87). Os negritos são meus.

Para Mário Sette, O homem que ficava calado diante de uma provocação era frouxo e estava sujeito a levar "uma taponia como pago da covardia", eis um sintoma da valentia presente neste célebre memorialista pernambucano. Também é possível perceber outras pistas da valentia, fortemente arraigada na sociedade pernambucana dos primeiros anos do século XX, a exemplo de algumas peças dos mamulengos e seus personagens, que enfatizavam a vitória de Benedito, "um mulato ardiloso", sobre o Cabo 70, uma representação do policial que dava ordens de prisão para o primeiro.

Outras pistas dessa valentia podem ser encontradas entre os policiais e "homens de bem" valentes, a exemplo de Antônio Florentino, que foi, segundo Ascenso Ferreira, um dos brabos que chegou à condição de administrador do Matadouro de Peixinhos e tabelião de notas no Recife (Ferreira, 1942). Ao refutar Ascenso no fato de ter sido Antônio Florentino um valente, Guilherme Araújo nos remete a outras pistas dessa "valentia" disseminada na sociedade recifense. Antônio Florentino, para este último autor, "exerceu postos de responsabilidade" e era "um homem de coragem, disposto a enfrentar os inimigos", não devendo, portanto, ser confundido com os brabos arrua-ceiros (Araújo, 1946: 119).

**Conclusão - valentes, e com projetos próprios: uma história a ser reescrita**

Devo insistir que os homens que foram al-cunhados pelo termo de "valentes" eram muito mais do que simples protegidos dos figurões da época ou eternos arrua-ceiros que gostavam de meretrizes e dados à desordem. Ao meu ver, conforme a argumentação desenvolvida ao longo do texto, tratava-se de agentes sociais e partícipes de projetos políticos cal-cados na violência, mas em nenhum momento

devem ser vistos como exclusivos detentores da condição do uso da força e "brabeza".

Esses homens vendiam seus serviços a quem pagava e efetivamente os protegia. Não eram simples capangas, embora muitos deles não estivessem sob controle direto de seus chefes, a exemplo de Nascimento Grande. A construção de suas famas baseada na violência e no poder de acabar com festas inteiras reforça os indícios de que tais indivíduos também sabiam fazer seu *marketing*. Estamos falando de sujeitos dotados de estratégias para se incluírem na sociedade. Suas vidas apresentavam extrema diversidade de situações, uma vez que frequentavam ambientes diversos, além de muitas festas populares da época.

As representações dos memorialistas e folcloristas que escreveram sobre os valentes, excetuando Ascenso Ferreira, são marcadas pelo juízo de valor, revelando pistas sobre os interesses e sentidos dos que escreveram sobre os populares. Os projetos de vida dos memorialistas eram bem distintos dos interesses dos valentes; e tanto Adama quanto Nascimento Grande eram muito mais do que arrua-ceiros e marginais, mas homens de seu tempo e época. Quanto ao primeiro, tratava-se de um valente e maracatuzeiro, que deixou poucas pistas para o entendimento de vários aspectos de sua vida e de seus contemporâneos e companheiros de situação social; e sobre o segundo, trata-se de um popular transformado em "herói", folclorizado e representado como alguém distante dos seus iguais da época.

Os valentes eram homens extremamente articulados em redes de sociabilidades diversas (Nascimento Grande foi recebido pelo filho do José Mariano e Adama quase que foi salvo das garras da polícia pelos seus), gozavam de respeito acima da média dos seus contemporâneos e eram bem dinâmicos socialmente. Eram, sobretudo, representantes do valor de bravura e valentia fortemente disseminado na sociedade da época e foram marcados pelos que sobre eles escreveram posteriormente.

Adama e Nascimento Grande: valentes do Recife da Primeira República

Ivaldo Marciano de França Lima

## Notas

<sup>1</sup> A norma culta considera o termo "bravo", porém, ainda hoje, entre os populares, é bastante comum a utilização da palavra "brabo", que tem o mesmo sentido da que é aceita nas gramáticas.

<sup>2</sup> Devo considerar que os perfis de Nascimento Grande e, sobretudo o de Adama, permitem pensá-los como mediadores culturais, uma vez que este último articulava um maracatu, freqüentava pastoris em companhia de "bem nascidos" e possuía vínculos com políticos que lhe asseguravam proteção em troca de "seus serviços" de capoeira. Nascimento Grande também pode ser visto de maneira semelhante, dado seus contatos tanto entre os populares, como com alguns "figurões" da época. Sobre os conceitos de mediação e circularidade, ver: (Ginzburg: 1987; Guillen: 2003; Vianna: 2002).

<sup>3</sup> Sobre a Jurema e o catimbó ver: (Assunção: 2006; Cascudo: 1978; Fernandes: 1938; Brandão e Rios: 2001; Lima: 2004; Motta: 1988, 1985 e 1997; Pinto: 1995; Vandezande: 1975).

<sup>4</sup> Para uma discussão sobre as fontes produzidas pelo olhar da repressão, ver: (Ginzburg: 1987), sobre os indícios, ver: (Ginzburg, 1989).

<sup>5</sup> *Jornal do Recife*, 12/02/1922, p. 05. Agradeço essa notícia a Prof<sup>a</sup>. Dra. Isabel Guillen.

<sup>6</sup> *Jornal A Província*, 10/02/1929, p. 03.

<sup>7</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>8</sup> No *Jornal do Recife*, de 05, 03, 1905, p. 02, foram publicadas as portarias normativas do Chefe de Polícia referentes à segurança para o carnaval daquele ano. Entre as proibições, constavam o uso de máscaras após as 18 horas, a prática do entrudo, o uso da lima de cheiro e o porte de quaisquer tipos de armas. Nos anos posteriores os jornais também noticiavam essas portarias, que diziam respeito à lei municipal nº 04, que versava sobre as medidas de controle policial para o carnaval. Ao longo dos anos essas medidas recrudesceram nesse sentido. No *Jornal do Recife*, de 30/01/1932, p. 02, além dos itens já referidos, constam também a obrigatoriedade de serem os integrantes dos cordões revistados na saída para os desfiles, e a cassação da licença de desfile da agremiação que acarretar danos à ordem pública. Como se pode ver, a violência não era exclusiva de um grupo de indivíduos, estando bastante presente na sociedade da época.

<sup>9</sup> A afirmação de que as classes populares pendiam ao crime foi feita por Ulisses Costa, chefe de polícia do estado, em seu relatório anual enviado ao secretário geral do estado: Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Ulisses Gerson Alves da Costa, chefe de polícia, em 20 de fevereiro de 1910

apud: (ARRAIS, 1998: 74). Ulisses Costa foi apontado por um memorialista como um dos mais tenazes combatentes da violência e responsável pela eliminação física de muitos valentes, tendo sucedido a um outro que iniciou a "campanha" de combate à Violência. Ver: (MELLO, 1953: 48).

<sup>10</sup> A descrição dos capoeiras está em: (Costa, 1908: 240 -242). Vários foram os autores que tomaram como natural a relação entre capoeiras e bandas de música, dentre os quais ver: (Sette, 1981; Oliveira, 1946: 178-179; Oliveira, 1985: 82-88). Nessa última obra o autor afirma, sobre os capoeiras no Recife, que "sua preferência pela música era manifesta, não por pendor inato (...); contudo, ao comentar sobre as origens do passo do frevo, diz: "por anos e anos seguidos até os começos do século [XX], esses e outros capoeiras pularam na frente das bandas de música, inclusive as particulares (...)". Ao discorrer sobre os capoeiras, Valdemar de Oliveira também considerou os valentes como seus continuadores, o que se pode comprovar pelo modo implícito no trecho a seguir: "(...) *A ralé continuou, por muito tempo, a saracotear em frente das músicas em desfile, como tropa de choque. Evoluía para tipos menos brigões, que, nem por isso deixavam de ser os 'brabos', os 'faquistas', os 'valentões', novos rótulos de uma mesma mercadoria.*" A meu ver, o autor trata de modo indistinto os valentes e os capoeiras, e toma a relação desses com as bandas de música de modo bastante natural, algo bastante recorrente entre aqueles que discorreram sobre os capoeiras e valentes no Recife.

<sup>11</sup> O Oriente Pequeno foi objeto de uma intrigante notícia no *Jornal Pequeno*, de 12/02/1902. A matéria noticiava o conflito entre dois maracatus: "Encontro de dois maracatus - ontem às 8 horas da noite, o Maracatu Oriente Pequeno, que tem sede na Rua de Santa Cecilia, atacou na Rua Larga do Rosário, o maracatu denominado Leão Coroado, que tem a sua sede na Boa Vista. Os agressores estavam armados de facas e cacetes, travando-se uma luta feia que teria consequências funestas se o pessoal do Leão Coroado, não livesse a prudência de fugir-se na escada do prédio n.º 26, daquela rua, fechando a porta. O Pequeno Oriente senhor do campo, levou consigo um bombo e outros objetos que os fugitivos deixaram puseram-se logo em fuga".

<sup>12</sup> Sobre Bimba e Pastinha, ver Reis: 2004.

<sup>13</sup> Ao abordar os valentes, e como se relacionavam com as mulheres, afirmou Mário Sette que: "Essa queda dos braços pelas meretrizes parecia contagiosa doença"; "gozavam de favores sem dispêndio de dinheiro (...)". (Sette, 1981: 88). Quanto à naturalização dos capoeiras e valentes com as bandas de música, penso já ter abordado a questão anteriormente.

Adama e Nascimento Grande: valentes do Recife da Primeira República

Ivaldo Marciano de França Lima

## Referências Bibliográficas

- ABREU, Plácido de. *Os capoeiras*. Rio de Janeiro, Tipografia Seraphim Alves de Brito, 1886.
- ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.
- ARAÚJO, Guilherme de. *Capoeiras e valentões do Recife*. Revista do IAHGPE, vol. XL, nº 145, 1946.
- ARRAIS, Raimundo. *Recifes, culturas e confrontos*. Natal: EDUFRRN, 1998.
- ASSUNÇÃO, Luiz. *O reino dos mestres – a tradição da jurema na umbanda nordestina*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.
- BRANDÃO, Maria do Carmo; RIOS, Luis Felipe. *O catimbó-jurema do Recife*. In: PRANDI, Reginaldo (org.). *Encantaria Brasileira*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001, p. 160–181.
- CASCUDO, Luis da Câmara. *Meleagro – pesquisa do catimbó e notas da magia branca no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1978, 2ª edição.
- \_\_\_\_\_. *Notas sobre o catimbó*. In: *Novos Estudos Afro-Brasileiros*. Recife: Massangana, 1988. Edição Fac-similar de *Novos Estudos Afro-Brasileiros*, Trabalhos apresentados ao I Congresso Afro-brasileiro do Recife, segundo tomo, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1937.
- COSTA, Francisco Augusto Pereira da. Revista do IHGB, tomo LXX, parte II, 1907, Rio de Janeiro, 1908, p. 240–242.
- FERNANDES, Gonçalves. *O folclore mágico do Nordeste – usos, costumes, crenças e ofícios mágicos das populações nordestinas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.
- FERREIRA, Ascenso. *Os “brabos do Recife”*. Recife, Boletim da cidade e do porto do Recife, nº 5-6, 1942.
- FREYRE, Gilberto. *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife, 1942*. [1934].
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Sinais – Raízes de um paradigma indiciário*. In: *Mitos, Emblemas e Sinais - Morfologia e história*. São Paulo: Ed. Schwarcz, 1989.
- GUILLEN, Isabel Cristina Martins. *Maracatus-nação entre os modernistas e a tradição: discutindo mediações culturais no Recife dos anos 1930 e 1940*. CLIO. Série História do Nordeste, vol. 1, n. 21, 2003, p. 107-135.
- LIMA,IVALDO MARCIANO DE FRANÇA. *Uma religião que cura, consola e diverte – as redes de sociabilidade da Jurema sagrada*. Cadernos de Estudos Sociais, volume 20, n. 02, jul./dez., 2004.
- MELO, Oscar. *Recife sangrento, Recife, s/e, 1953*.
- MOTTA, Roberto Mauro Cortez. *Jurema*. In: MAIOR, Mário Souto e VALENTE, Waldemar. (orgs.) *Antologia Pernambucana de folclore*. Recife: Massangana, 1988, p. 267–268.
- \_\_\_\_\_. *Catimbós, xangôs e umbandas na região do Recife*. In: MOTTA, Roberto (coord.) *Os afro-brasileiros*. Anais do III congresso afro-brasileiro. Recife: Massangana, 1985, p. 109–123.
- \_\_\_\_\_. *Religiões afro-recifenses: ensaios de classificação*. In: Revista Antropológica, ano II, v. 2, série religiões populares, Recife: Ed. UFPE, 1997, p. 11–34.
- OLIVEIRA, Valdemar. *Frevo, capoeira e passo*. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1985, 2ª edição, p. 82–88.
- \_\_\_\_\_. *O frevo e o passo, de Pernambuco*. In: *Boletim Latino-Americano de música*. Rio de Janeiro, ano VI, Tomo, VI, Abril de 1946, especialmente p. 178–179.
- PINTO, Clélia Moreira. *Saravá Jurema Sagrada: as várias faces de um culto mediúnico*. Recife, 1995, dissertação de mestrado em antropologia, UFPE.
- RABELLO, Evandro. *O Recife e o carnaval*. In: *Um tempo do Recife*. Recife: Arquivo Público Estadual, 1978.
- REIS, Leticia Vidor de Souza. *Mestre Bimba e mestre Pastinha: a capoeira em dois estilos*. In: SILVA, Wagner Gonçalves da (org.). *Memória Afro-Brasileira artes do corpo*. São Paulo, Selo Negro, 2004, p. 188–223.
- SETTE, Mário. *Maxambombas e maracatus*. Recife: Livraria Universal, 1938, 2ª edição aumentada.

SILVA, Eduardo. *Dom Oba II D'África, o príncipe do povo – vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. *A negregada instituição – os capoeiras no Rio de Janeiro*. Coleção Biblioteca Carioca/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1994.

VANDEZANDE, René. *Catimbó – Pesquisa exploratória sobre uma forma nordestina de religião mediúnica*. Recife, 1975. Dissertação de mestrado em sociologia, UFPE.

VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/Ed. UFRJ, 4ª ed., 2002.

Adama e  
Nascimento Grande:  
valentes do Recife  
da Primeira  
República

Ivaldo Marciano  
de França Lima

